

ECO POPULAR

FOLHA POLITICA E NOTICIOSA.

1.º ANNO

Publica-se às segundas e quintas-feiras

NUM 22

PREÇO:—Assignatura, (paga adiantada), trimestre—600 rs. Para fóra, pelo correio, trimestre 660 rs. Brazil pelos paquetes, anno (moeda forte) 55000 rs.—Anuncios, 30 rs. a linha; repetição, 20 rs.—Publicações no corpo do jornal, 40 rs. a linha.—Publicações litterarias, 2 exemplares.—Numero avulso, 40 rs.

QUINTA-FEIRA 8 DE MAIO DE 1879

A redacção só se responsabilisa pelos escriptos não assignados. Escriptos enviados á redacção sejam ou não publicados não serão restituídos.—Toda a correspondencia dirigida ao administrador de jornal Francisco Pedro Felgueiras.

GUIMARAES, 7 DE MAIO

Phylloxera

Está morto o bicho!
Mataram-o, finalmente!

Costou, levou tres sessões nocturnas, o sr. ministro das obras publicas chegou a desesperar do seu triumpho, e até mal disse o seu proprio plano de campanha; mas taes investidas deu contra elle, tão estreito cerco lhe fez a maioria, com tal energia e denodo se houve o sr. Alves Passos na apresentação de requerimentos para que a camara julgasse discutida a materia de cada artigo, quasi que quando ainda o secretario não acabara de o ler na meza presidencial, que o monstro caio, deixando o cadaver inerte no campo da lucta, para cevar o odio rancoroso dos seus terriveis inimigos!

Não mais phylloxera! bradam agora com febril enthusiasmo, o governo e a maioria, o partido regenerador e a sua imprensa.

E' verdade que o brado da victima é como o dos charlatães, que gritam na feira: «Não mais callos!» Ou como o pregão dos dentistas da praça publica, que bradam: «Não mais dentes!» querendo annunciar: «Não mais dores de dentes!»

Irmãos gêmeos, phylloxericidas, pedicuros e dentistas, estes dão cabo dos dentes, não tirando as dores, ou estragam

os pés sem extinguir os callos, como aquelles hão-de arrasar as vinhas, matar esta invejavel fonte da riqueza publica, deixando o bicho incólume, e recluso a morrer, não ferido pelos 25 contos com que em seu nome o governo vae inaugurar uma nova penitenciaria, mas de fome, por não ter cepas em que se alimente.

Os ministeriaes dizem, porem, que o phylloxera está morto, bem morto, e que, embora, desapareçam os vinhedos, o terrivel insecto não mais se verá. Esta confiança cega no triumpho governamental sobre o ruedor das vinhas, deve ter razão de ser n'uma profunda e arreigada convicção. Ha quem supponha que esta crença vehemente na morte do bicho é filha de plano do gabinete, que escolheu para temerizo ataque as sessões nocturnas, esperando assim surprehender o phylloxera, a dormir ou perfeitamente descansado no gozo pacifico da posse das nossas ricas e formosas vinhas. Outros affirmam, porem, que o bicho esteve alerta durante estas tres noites, em que o governo o poz na tella da discussão, e que se rio muito do sr. Lourenço de Carvalho e dos phylloxericidas da maioria, promettendo abrigar-se nas vinhas dos ministeriaes, e dar cabo d'ellas, por vingança, escapando ao mesmo tempo á ferocidade com que o persegue o sr. Lourenço de Car-

valho. Quem sabe se o phylloxera já terá chamado *Calino* ao sr. ministro das obras publicas? E' capaz d'isso, o incorregivel. E depois o sr. Lourenço tem estofos para dar bom humor aos mais misanthropos, tão divertido é, e por isso não admira que fizesse um humoista do bisinho e carrancudo phylloxera.

A serio.

O projecto do governo está approved na camara pseudo electiva.

E não foi approved como ha dias o foi um artigo orçamental, duran e a confusão da camara, isto é, dando a presidencia por approved o que não o estava; e não motivou, por consequencia, como aquella votação tão parecida com as de Ceia, Moncorvo, etc., os protestos vehementes com que a minoria desafogou a sua justa indignação, contra a... esper-teza presidencial.

C m relação á extirpação do phylloxera foi tudo regular, tranquillo, demorado e legal.

Temos pois, que o governo está auctorizado pelos srs. deputados, e vae sel-o de certo pelos dignos pares, para pôr em estado de sitio as vinhas do paiz, e declaral-as sob a vigilancia da policia. Isto da-lhe... pavorosa.

Depois o governo, em tendo denuncia de que o bicho entrou n'uma vinha, decreta, sem processo nem formalidades, que a

vinha phylloxerada seja sem detença reduzida a cinzas. Anrancam-se as cepas, queimam-se as cepas, lançam-se ao ar as cinzas das cepas. O sr. Lourenço transformado em ma quez de Pombal, como o sr. Fontes se transformou em Bismark, será inexoravel com as vinhas, como o grande ministro de D. José o foi com os regicidas. Teme-se, porem, que a parodia do notavel estadista do seculo passado, seja menos justa na sua perseguição, e venha a merecer da posteridade as accusações que mereceu já da historia o perseguidor dos Tavoras e Athaydes.

O proprietario da vinha arrasada receberá indemnisação, se o governo lha quizer dar, e se o governo não quizer indemnisal-o ficar-lhe-ha a gloria sómente de ter contribuido para que tenham bom exito os projectos do governo contra o damnhinho insecto.

Como nada disto se faz de graça e não soffre o animo dos regeneradores a vergonha de *traballar para a cidade*, o thesouro dará 25 contos para as despesas d'esta campanha; e o governo terá occasião de servir muito afilhado, dando d'esta vez o nobre e moralissimo exemplo de pôr de lado os compadres.

Em summa: Este governo immoral e nefasto tem nas mãos uma arma terrivel. Sob pretext-

to de querer extinguir o phylloxera abrirá uma serie immensa de perseguições contra os seus adversarios politicos, e lançará na voragem dos esbanjamentos, não os 25 contos que a lei o auctorisa a gastar, mas todo o dinheiro que lhe parecer conveniente para sacciar a voracidade dos seus, sob esta santa capa de matar o bicho.

Não tarda, se o projecto, como é de crer, se converter em lei, que se ouçam por toda a parte os queixumes das victimas, lamentando-se da feroz prepotencia dos executores da lei phylloxericida, e a noticia de que o phylloxera, justamente exasperado destroe cruelmente as vinhas dos amigos da situação, reduzindo-as ao estado deplorable a que a arbitrariedade redusirá os vinhedos onde elle não tiver entrado.

Em todo o caso, viva ou morra o phylloxera, o que é quasi fora de duvida é que o paiz ficará sem a opulenta riqueza representada nos seus magnificos vinhedos.

BOLETIM PARLAMENTAR

Continua na camara electiva a discussão do orçamento geral do estado.

A opposição, firme no seu proposito de pedir minuciosas contas ao governo do modo



DIARIO D'UMA MULHER

POR

OCTAVIO FEUILLET

TRADUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

(Continuado do n.º 21)

Hontem, depois do jantar, espalhamo-nos, segundo o costume, pelo pateo do castello, para respirarmos a frescura da tarde, embalsamada com o perfume das rosas e dos charutos. O sr. de Louvercy fumava, recostado ufanamente no seu banco favorito no meio das almofadas de que o tinhamos rodea-

do. Cecilia, sempre inquieta como uma estrella, teve repentinamente a desastrada lembrança de brincar com a mulêta de seu primo. Examinou-a, primeiro com timidez, depois, já familiarisada, serviu-se d'ella para fazer o seu ensaio de caçadora. Seu pai mandou-lhe, ha dias, uma pequena espingarda, com a qual ella se dispõe a matar todos os coelhos, todos os esquilos do parque. No entretanto, exercitava-se, com esta mulêta, a carregar a arma, a trazel-a ao hombro e a apontal-a contra coelhos imaginarios representados pelos snrs. Henriques e René de Valnesse. Eu via Rogerio carregar as sobrançellas, e o commandante d'Eblis morder o bigode; eu deixava olhares severos para Cecilia, mas era tempo perdido. Animada pela expansiva admi-

ração dos dois pretendentes, aggravou despiadadamente a sua travessura collocando a mulêta debaixo do braço, e ensaiando-se a andar com um pé no ar como seu pobre primo mutilado. Deu alguns passos no pateo d'esta fórma, com grande seriedade, e sem sombra de malicia, unicamente para ver, dizia ella, se esta posição era incommoda. Rogerio fingia sorrir-se, mas no rosto transparecia-lhe a cólera. Eu conheci isto; ia ligeira avisar a Cecilia, mas o sr. d'Eblis precedeu-me. Dirigiu-se apressado a Cecilia; disse-lhe a meia voz e com vivacidade algumas palavras, que não ouvi. Mas percebi claramente Cecilia responder-lhe:

—Sempre lições!

—Esta é merecida, creio eu, disse o sr. d'Eblis.

Ella ficou suspensa, e hesita um instante entre o seu diabo e o seu anjo; depois voltou apressada para casa, encostou brandamente a mulêta ao banco, e, tirando das grades de pau que cercam a janella uma flôr de jasmim, dispoz-se para a collocar no casaco do sr. de Louvercy dizendo-lhe:

—Quero enfeitar-vos, primo!

Rogerio arrancou-lhe a flor das mãos e arremessou-a ao chão:

—Sois uma louca, disse elle.

Levantou-se logo, cumprimentou-me e entrou para casa d'elle.

Apenas elle desapareceu, Cecilia juntou as mãos, encolheu os hombros e exclamou:

—Ha momentos em que desejava matar-me!

E deixou-se logo cahir sobre o banco, escondeu a cabeça nas mãos, e percebemos que soluçava. O sr. d'Eblis trocou commigo um olhar d'intendimento e um sorriso; depois, inclinando-se para Cecilia:

—Então, minha senhora, disse elle,—é excessivo este desespero!... Por tão pouco... uma criancice!... Pois bem, accrescentou elle levantando o ramo de jasmim, quereis que traga, eu, a vossa florzinha?

Sempre chorando, ella fez-lhe signal de que o queria com muito gosto; levantou um pouco a cabeça, e, sorrindo para o sr. d'Eblis, disse-lhe por entre as lagrimas:

—Sempre um pai para mim!

(Continua)

como tem applicado os redditos da nação, tem discutido todos os capitulos do orçamento forçando o governo, *bon grè mal grè*, a dar-lhe os esclarecimentos exigidos, ou a mandar abafar a discussão quando os não pôde dar de fórma que encubram os criminosos esbanjamentos e delapidações com que tem *illustrado* a sua administração de 8 annos.

O governo ou responde ambigualmente ás perguntas que a opposição lhe dirige, ácerca do precario estado das finanças do paiz, ou não responde nada, por mais instancias que lhe façam e ordena á maioria que dê a materia por discutida, e ella, que não discute, vota immediata e cegamente, segundo o nuto do governo.

E' d'esta fórma que entre nós se pratica o systema representativo! Nunca o poder desceu tão baixo. Nunca, nem mesmo nos ominosos tempos dos Cabraes, se viu o poder tão ultrajado. A degradação do governo nunca chegou ao nivel a que a arrastou o governo regenerador, a quem el-rei dispensa todas as suas affeições e valimento.

Querem, porem, saber, quer o paiz conhecer, de que procede a illimitada e cega confiança do monarcha nos homens que criminosamente se appellidam do: *partido do rei*? E' por que não quer que o

paiz conheça o sudario de miserias e torpesas que são o timbre e brasão dos homens do *seu partido*, que, apresentado na sua nudez aos olhos da nação, seria a condemnação irrevogavel d'esses homens e d'esse partido, que nos está impellido para o abysmo da banca rota, para a perda da nossa autonomia, como nação livre e independente.

Eis um facto que demonstra eloquentemente, na sua singularidade, a veracidade do que deixamos exposto.

E' do nosso estimavel collega do *Jornal do Porto*, folha insuspeita, exempta de paixões, porisso que não milita em nenhum dos grupos politicos, a transcripção que em seguida fazemos:

N'uma das sessões da semana passada o sr. Marianno de Carvalho, fallando por incidente no que se está passando na direcção das obras publicas do Algarve, que e prometeu descobrir e analysar quando entrar em discussão o orçamento do ministério respectivo, pôz a questão em breves termos, mas muito claros e muito precisos. Sabe-se que desde 1876 se gastaram extraordinariamente pela direcção das obras publicas no Algarve, 1:195 contos em estradas districtaes. Dando que o preço kilometrico das estradas districtaes seja igual ao medio das estradas ordinarias, devem estar feitos com esse dinheiro 250 a 300 kilometros de estradas. Estão, ou não estão?

Fez tres vezes a pergunta, estava presente o sr. ministro das obras publicas, mas não houve resposta nenhuma.

Estão os ministros no seu direito de não responder a perguntas d'estas, que envolvem tamanho prejuizo para o thesouro, e tamanho descredito para quem o governa? Estão os ministros no seu direito de fazerem o que quizerem, de gastarem como entenderem os rendimentos do paiz, e de responderem com o silencio a quem lhes pergunta em que, quanto e onde os gastaram?

Se estamos em governo representativo, não estão os ministros no direito de não responderem: se estão no direito de não responderem, não estamos em governo representativo, mas em puro governo absoluto.

N'este caso, porem, prescindamos das apparencias falsas, que ficam caras, e ainda illumina muita gente. Sejam absolutos, mas sejam-no francamente. Antes o despotismo do que a hypocrisia. Se não podem, ou não sabem, ou não querem ser liberaes, sejam ao menos leaes.

Ora a razão por que o sr. ministro das obras publicas não respondeu ao sr. Marianno de Carvalho, toda a gente a sabe. É porque os 1:195 contos de reis extraordinarios gastaram-se, mas as estradas não se fizeram. Podiam estar construidos 250 a 300 kilometros, mas não estão construidos nem 100.

Que se fez a dinheiro? Sabe-se que se gastou. affiança-se que algum se gastou em

obras de particulares, mas da mó: parte não ha noticia nenhuma nem ha quem a dê. O que se sabe tambem é que o pessoal das obras publicas do Algarve é enormemente numeroso, e enormemente retribuido.

E o que se passa no ministerio das obras publicas vae semelhante pelos ou ros ministerios, merecendo especial menção o da fazenda e o da guerra. Só na especialidade fiscalisação ha factos curiosissimos. Gasta-se desaffrontadamente. Citamos um que foi citado na camara electiva, diante do sr. ministro da fazenda, e a que s. exc.^a não respondeu uma palavra, segundo a praxe e pratica adoptada.

O chefe fiscal d'Elvas, que naturalmente devia estar em Elvas, não está, mas em Lisboa, e recebe por isso a gratificação de 180\$000 reis annuaes. Mas como é preciso que algum faça o serviço em Elvas, está substituido no cargo por um aspirante da alfandega de consumo, que recebe a bagatella de 1:936\$000 reis annuaes, somma das seguintes verbas:—ordenado e emolumentos, 460:000 reis;—gratificação, 540\$000rs.—para cavallo, 216\$000 reis;—ajuda de custo, 720\$000 reis.

Isto é, um aspirante da alfandega, fazendo serviço que lhe não compete para favorecer aquelle a quem competia, ganha mais em Elvas do que um conselheiro do supremo tribunal de justiça, pouco menos do que um conselheiro d'estado, muito mais do que um coronel de artilheria, e quasi o dobro do que os coroneis de infantaria

ou cavallaria, não fallando nos juizes de direito e nos delegados do procurador regio, que não entram em comparação com o sr. aspirante da alfandega.

Segundo nos informa pessoa fidedigna, a camara municipal deliberou mandar proceder na semana proxima á extincção dos cães gosos, que vagueiam por essas ruas.

Prevenimos, pois, as pessoas que possuirem algum ou alguns d'estes animaes, fleis companheiros do homem, e os não queiram ver perder a vida no meio de uma praça ou á esquina de uma rua, tomem as necessarias precauções, a fim de os livrarem do toxico municipal.

Este serviço, quando a camara delibera tal medida, tem sido pessimamente destribuido e estupidamente executado por os zeladores.

E' necessario que a camara tenha em attenção a epoca em que viveinos, e dê as precisas instrucções para que este serviço seja feito com a maxima prudencia, o tino indispensavel e toda a caridade.

Esperamos se não repetir, visto que a camara não encontra meio para a extincção dos cães vadios senão a propinação do veneno, as scenas repugnantes, os espectaculos crueis e os transe affli-



UM SONHO

O sonho é a grata miragem, o oasis apeteido onde vão procurar guarida os espiritos irrequietos e febricitantes. Quando as palpebras se cerram ao pezo da fadiga ou á necessidade do repouzo, os olhos do espirito percorrem então o scintillante mundo das creações ideaes.

A alma, batida por os alterosos vagalhões da desdita, ou enregelada por o asperissimo vento da melancholia, encontra no sonho a bonança apeteida, o conforto aprazível, porque d'elle lhe surge radiante o iris da felicidade, o sol da esperança.

Ah! vizões consoladoras, sonhos deliciosos, quantas, quantas vezes sois a arca sancta que salva do diluvio das tribulações as almas fracas e descrentes, fazendo-as gozar uma ventura transitoria!

Que mundos côr de roza, que paraizos encantadores, que deslumbrantes mansões de fadas, que suprehendentes chimeras criam as imaginações privilegiadas dos poetas e dos namorados!

O sonho! Prazer agradabilissimo que deleita os olhos do espirito, balsamo refrigerante, prisma de cambiantes ideaes. O sonho! Opio feiticeiro que nos transporta ás esplendidas regiões do ideal, ás espheras luminosas do mundo das vizões, onde se ostentam as deslumbrantes maravilhas creadas na mente do poeta!

Diz-se geralmente que esta vida

é um sonho: impregnado de deliciosos perfumes para uns, matisado de cruciantes espinhos para muitos mais.

Que gigantes feitos, que sublimes primores d'arte, que arrojados vôos por os resplandecentes e infinitos horisontes do sciencia tem produzido esta allucinação do espirito—o sonho!

O artista, o homem de sciencia, o litterato, o poeta e outras tantissimas creaturas, cujos espiritos esvoacam pelo anilado espaço do ideal, como o Ahevero da lenda, procuram com affinco esse phantasma brilhante—a gloria.

E que é a gloria senão um meteoro formado de allucinações e esperanças que illumina os sonhos, como diz Julio Sandeau?

Até v. exc.^a, formosa leitora, tem, quantas e quantas vezes, sentido a sua alma gentil alar-se ás ethereas regiões dos sonhos, gozando a doce sensação produzida pelas olorosas imanações do philtro prodigioso, que lhe patenteia aos olhos de espirito os jardins do Hyméto, onde v. exc.^a sonha colher uma grinaldada nivia flôr da larangeira.

Mas, realmente, como ha sonhos deleitosos, ha tambem alguns bem extravagantes.

As leitoras já leram, por certo, as «Mil e Uma Noites», essa variadissima série de contos genuinamente arabes? Certamente leram. Recordam-se,—hão-de recordar-se bem—se é um conto das «Mil e Uma Noites»,... —d'um quidam chamando Bedreddin Hassam? Pois este sur. Bedreddin, na noite das suas nupcias com a galante,—dil-o o conto,—Formoza, teve um sonho divertidissimo.

A allucinação do sonho fel-o abandonar o thalaimo conjugal em ceroulas e camiza e levou-o até ás portas de Damasco. Já era dia alto quando as garhahadas da sua noiva o despertaram. Ficou estupefacto de tudo quanto orodeava e principalmente de elle mesmo, e perguntou á noiva, se na verdade estavam cazados, pois que, acabando de chegar de Damasco, depois de uma auzencia de 10 annos, não sabia se o tal cazamento era uma illusão, ou se a sua auzencia e o «négligé» em que se apresentava eram os effeitos do um sonho.

Pois isto li eu, «mutatis mutandis», n'esses arabescos contos, chamados—«As Mil e Uma Noites».

Não quero deixar no pó do esquecimento um sonho, uma vizão digna de ser enxertada tambem n'esses phantasticos contos arabes.

Na quadra ridente da juventude, quando o sopro ardente da phantasia géra o magico eden das illusões, adora-se uma imagem ideal que se conserva estampada na alma.

Eu tambem creei um ideal ao fulvo clarão da minha imaginação irrequieta, da minha phantasia devaneadora.

Largos tempos decorreram, sem que esta criação rompesse o involucro imaginario e surgisse á luz rutilante da realidade.

Infim, um dia tomou corpo e vulto a imagem, que até ahí era encoberda pelas brumas do ideal.

A sua estatura esbelta, gentil é realçada por um rosto meigo, no qual se espelham as flôres que lhe embalsamam o espirito. Seus cabellos abundantes e formosos estão sempre ar-

tisticamente penteados. Os seus olhos, . . . os seus olhos não ha palavras que os descrevam. D'elles se pôde dizer o mesmo que Werther disse dos de Lolotte:—«Voir seulement ses yeux c'est le bonheur»!

Era nos ultimos dias do mez de dezembro. A chuva, fustigada por um frigidissimo vento oeste, cahia, senão abundante pelo menos continuamente. Encontrei-me, ao avishnar-se a noite, com a imagem dos meus sonhos.

Rapidos, mas felizes, foram os instantes em que fallamos dos nossos affectos.

Tremia de felicidade, como os nervos ao contacto d'una corrente electrica.

Não foi este o unico dia, em que me julguei o ente mais feliz dos que percorrem esta vereda de sonhos e fadigas. Renovamos mais de uma vez os nossos protestos e affirmamos com enthusiasmo a constancia dos nossos affectos.

Que milhares de sonhos phantasticos embriagavam o meu espirito!

Era dia de Carnaval. Radiante de felicidade, d'uma felicidade completa, fui gosar essa folia infrene, que se chama,—baile de mascarar. A noite estava agreste. Um vento «frio como um cadaver, fino como a lamina de uma espada de Damasco», traspassava a medulla dos ossos. Procurei, pois, no revoltoso e electrico remoinhar do baile aquecer os membros hirtos por a atmosphera Siberiana do dia.

Recolhi-me no fim do baile com a imaginação povoada de multicores visões.

Sonhei, e que sonhos palpitantes de felicidade! Sentia-lhe, junto do meu peito, o palpitar apressado do seu coração, os meus braços estreitavam-na em terno e prolongado amplexo, os seus labios ardentes repetiam-me, collados aos meus, mais de um milhão de vezes a palavra: AMOR . . . e nos seus olhos crepitava o fogo do sentimento que lhe alvoroçava o coração.

Agitado por tão violentas commoções accordei. Ah! Du! lamentavel foi comigo o destino, ao despertar-me de sonho tão fagueiro.

Quando os olhos do espirito se cerravam e me despenhei no mundo das realidades só encontrei o . . . vacuo e uma carta.

A carta dizia-me singelamente, simplesmente: ESQUECE-ME QUE EU FAÇO O MESMO . . .

Lembrei-me então de que, «souvent la femme varie» . . . e achei apropriada ao caso aquella significativa phrase de Camillo, na «Espada de Alexandre»—que tambem commigo mesmo repeti:

O MELHOR É DEIXAR CORRER O MARFIM!

E procurando uma posição commoda para continuar o somno interrompido, soltei espontaneamente uma estridulosa gargalhada.

Só então reparei que tinha no traveseiro a mascara e ainda conservava vestido o «costume» do baile de mascarar, o

1.º de maio de 1879.

DOMINÓ PRETO

ctivos que costumam a dar-se nas ruas todas as vezes que a camara manda proceder á . . . «mondada» raça canina.

E' preciso que os factos não atestem que desconhecemos o caminhar da civilização e para que não nos mal-siniem de barbaros.

Não sabemos se as considerações que deixamos expostas, serão também alcunhadas de praguentas. Sejam que não sejam, nós cumpri-mos a nossa missão, sem que nos belisquem sequer quaes-quer pecuinhas insulsas.

O sr. Narciso Alberto de Sousa e outro alumno da univdrsidade de Coimbra vão brevemente publicar a traducção de um livro do doutor Fournier, intitulado « O Onanismo ».

Esta publicação é de uma utilidade incontestada, e bom será que a mecidade se inspire nos salutareos conselhos e moraes doutrinas que evangelisa.

Será posta á venda por todo este mez, podendo qualquer requisição de exemplares fazer-se ao snr. Narciso Alberto de Sousa, redacção do Partido do Povo, Coimbra.

Custa por assignatura 400 rs. e avulso 500 reis.

Temos presente o n.º 78 do bonito jornal de musica para piano « La Grande Soirée », que traz uma excelente valsa intitulada « Bertianos », e que o seu auctor o snr. Miguel Portocarrero Sotto Mayor Vieira de Sousa Almeida Vasconcellos dedicou e offereceu aos exm.ºs condes de Bertianos.

Esta publicação semanal alem de « ser a unica n'este genero que existe no nosso paiz é sem duvida a mais barata que ha no mundo, pois por 600 reis, se recebem 13 peças de musical!

O escriptorio da empresa é na travessa de S. Domingos, 46, 1.º Lisboa.

Falleceu repentinamente em Braga, no domingo passado, a Ex.ª Senr.ª D. Angelica Teixeira de Queiroz, irmã do meretíssimo juiz de direito d'esta comarca, o sr. dr. José Teixeira de Queiroz Botelho Pimentel e Vasconcellos.

Sentimos o desgosto que opprime o snr. dr. Teixeira de Queiroz e endereçamos-lhe os nossos mais sinceros pesames.

A despeito de sermos asseteados com o horrifico epitheto de praguentos, pedimos aos snrs. camaristas sejam mais reverentes sectarios do bello, e não permittam que se duvide das . . . puritanas crenças que professam pelas leis da Arte.

Oh! sacrilega profanação, terrivel herezia contra o bom gosto e a orthodoxia da Arte!

Nos formosos mactios de rhedondrons, azaléas e fuchsias que se ostentam vigorosos com as suas côres variadas e formosas, no jardim do Toural, a camara,—oh! não sei de nojo como o contel.—mandou enter- rar uns «caquinhos» com cravos, fazendo assim o que vulgarmente se

diz, uma mistura d'alhos com bugalhos.

«The foul is fair,—dizem as bruxas do Macbeth,—mas esta maxima não se pode applicar ao caso de que se tracta,—o horrivel é sempre horrivel.

Já agora, é dar mais um passo, perder de todo o medo, e embalsamar o ambiente do jardim com o acre perfume da bella alfadega, do oloroso manjarico e do prestimoso rosmaninho.

Ah! que não esqueça a util alfazema, que deve ser de grande proveito para a vereação.

A camara quererá,—como as fugassas em dia de romaria—levar na procissão de «Corpus Christi» um ramilhete de cravos ao . . . peito?

A ideia é tão original e . . . espaventosa, que só podia sahir do bestunto d'algum vereador d'aldeia.

E' caso de se dizer: Alfices, pepinos, rabanetes Coentros, chicoria, mais agriões A camara no jardim vae semear Para que este renda alguns tostões

O «Diario do Governo», do dia 6 do corrente mez, publica o decreto concedendo á nova companhia que ultimamente se organisou a construcção da linha ferrea de Bongado a esta cidade.

ANNUNCIOS
Edital

O bacharel Jeronymo Pereira Leite de Magalhães e Couto, administrador do concelho de Guimarães por S. M. F. que Deus Guarde etc.

Faz saber, para cumprimento das leis de saude publica, que desde o dia 11 do corrente mez.—em que tem de inaugurar-se o novo cemiterio publico sito no alto da Athougua; ficam prohibidos fora d'alli os enterramentos das pessoas fallecidas dentro de barreiras da cidade.

Os srs. parochos e regedores de parochia ficam rogados para prestarem aos interessados quaesquer esclarecimentos de que necessitem para se effectuar qualquer enterramento no referido cemiterio.

E para conhecimento de todos os meus administrados mandei passar o presente e outros d'igual theor. Guimarães 8 de maio de 1879. E eu Manoel de Freitas Aguiar, Escrivão, que o subscrevi.

Jeronymo Pereira Leite de Magalhães e Couto. (26)

Certidão

João Joaquim d'Oliveira Bastos, escrivão e tabellião de um dos officios do juizo de direito d'esta cidade de Guimarães e sua comarca, e n'ella o districto respectivo escrivão

privativo do tribunal commercial de primeira instancia, por S. M. F. El-rei o senhor D. Luiz I, que Deus Guarde etc. Certifico que o sou dos autos d'abertura de fallencia do negociante que foi n'esta praça, José Ferreira Guimarães, e que nos mesmos se acha a seguinte :

SENTENÇA

O tribunal commercial de Guimarães, attendendo ás respostas affirmativas, dadas aos quesitos propostos, em sua conformidade decreta: a abertura da fallencia do negociante d'esta praça, José Ferreira Guimarães; a nomeação de juiz commissario e curadores fiscaes; e a apposição dos sellos; baixando competentemente es-tadecisão para seu inteiro cumprimento. Guimarães 3 de maio de 1879. O juiz de direito e presidente, José Teixeira de Queiroz Botelho Pimentel e Vasconcellos, Domingos Antonio de Freitas, José da Costa Nogueira e Souza, Antonio Maria Duarte Ribeiro de Carvalho, Antonio Joaquim Ribeiro de Souza Guimarães, José Joaquim da Costa, Antonio de Campos Silva Pereira, Francisco Joaquim da Costa Magalhães, Antonio José da Costa Braga, José Maria Pestana de Vasconcellos.

Nada mais se contém na dita sentença, que eu referido escrivão, João Joaquim d'Oliveira Bastos, para aqui bem e fielmente fiz passar por certidão dos mencionados autos a que me reporto no meu cartorio, e com os quaes esta conferi e achei conforme.

Guimarães 5 de maio de 1879. Eu João Joaquim d'Oliveira Bastos, escrivão, o subscrevi.

João Joaquim d'Oliveira Bastos. (27)

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito desta comarca e cartorio do primeiro officio correm editos de trinta dias a citar os coherdeiros Joaquim Coelho de Queiroz, José Coelho de Queiroz, José Ferreira, e Joaquim Ferreira, ausentes em parte incerta no imperio do Brasil, e bem assim quaesquer credores do fallecido José Antonio Coelho de Queiroz, que foi morador no logar d' Alem, freguesia de Santa Maria de Guardizella, desta mesma comarca, para no dito prazo, a contar da ultima publicação deste annuncio, assistirem aos termos do respectivo inventario e deduzirem n'ella seus direitos, pena de revelia. É inventariante

a viuva do finado, Maria The- resa Machado.

Guimarães 2 de maio de 1879.

Conforme,

T. de Queiroz

O escrivão,

Manoel de Sousa Loureiro. (28)



Vende-se a propriedade do Bachelo e pertenças sita na freguezia de S. Martinho de Sande d'esta comarca de Guimarães, a quem mais por ella offerecer, quem a pretender compareça no dia 18 do corrente mez por 10 horas da manhã na freguezia de Caldelas lugar das Taipas, á porta do Hotel do Villas.

(29)

Arrematação

O conselho administrativo do batalhão de caçadores n.º 7, faz publico que no dia 26 do mez de maio corrente pelas 10 horas da manhã, na sala da secretaria do quartel do referido corpo e perante o mesmo conselho, se ha-de dar por arrematação em hasta publica, e a quem por menos o fizer, a obra que tem por fim a feitura de um fogão de ferro, e collocação d'um guindaste, e de varios reparos na cozinha do rancho.

As condições da obra a arrematar, acham-se patentes na secretaria, onde poderão ser consultadas pelos interessados, todos os dias, das 10 da manhã a 1 da tarde.

Quartel em Guimarães 8 de maio de 1879.

O secretario do concelho administrativo. Antonio Joaquim d'Azevedo e Almeida Tenente de Caçadores n.º 7 (30)

Despedida

Joapaim Sampaio Guimarães, tendo de se retirar temporariamente para o Rio de Janeiro, despede-se dos seus amigos, pedindo-lhes desculpa de o não poder fazer pessoalmente por falta de tempo, offerecendo-lhe o seu lemitado prestimo n'aquella cidade do Rio de Janeiro.

(31)

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do primeiro officio correm editos de trinta dias citando os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora da comarca para virem deduzir o direito, que tiverem no inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Domingos da

Silva, morador que foi, no logar de S. Pedro, freguesia do Mosteiro de Souto, em que é inventariante a viuva sua mulher Margarida Rosa Marques, com pena de revelia.

Guimarães 28 de abril de 1879.

Conforme.

T. de Queiroz.

O escrivão

Manoel de Souza Loureiro (25)

Aos Mestres Sapateiros

Na rua Nova do Comercio n.º 11 a 13—ponta-se obra á machina com toda a perfeição—Preços rasoaveis. (21)

Ao publico

Declaro que não pertence nem tão pouco assiste o menor direito ao arrematante do casal de Basso de Boi, sito na freguezia de S. Martinho do Conde, segundo o prazo e a arrematação a que se procedeu por execução, a toda a cerca de matto, de Santa Luzia de Basso de Boi, como se tem pretendido para fins illicitos fazer acreditar, mas tão somente á parte que o actual Caseiro traz de arrendamento. Dirijem-se para documentos e esclarecimentos ao abaixo assignado.

O Procurador, (9) Domingos Pereira Mendes.

Agradecimento

OS abaixo assignados, penhorados pela delicada attenção com que corresponderam ao seu convite a camara municipal, auctoridades administrativa e militar, o revm.º Cabido, associações e corporações e todos os mais cavalheiros e funcionarios publicos que assistiram ou se fizeram representar na missa celebrada, no dia 21 do corrente, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em acção de graças pelas melhores de S. M. a Rainha, a Sr.ª D. Maria Pia, vem por este meio manifestar a todos o seu profundo reconhecimento.

Guimarães, 23 de abril de 1879.

Conde de Villa Pouca.

Gaspar Lobo de Souza Machado.

Luiz Augusto Vieira.

VINHO DO ALTO DOURO  **CASA DE VILLA POUÇA**

PREMIADO NAS EXPOSIÇÕES

José d'Oliveira, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca, annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho engarrafado (lôra a garrafa)

Tato de meza 150 rs.	Moscatel 500 rs.
Lagrira 200 rs.	Vinho de 1854 600 rs.
Tinto 190 rs.	Roncon 700 rs.
Tinto fino 210 rs.	Vinho de 1825 1:000 rs.
Vinho velho em prova secca 300 rs.	Reserva de 1838 por garrafa 2:250 rs.
Malvasia, 2. ^a qualidade 360 rs.	Bual de 1851 1:000 rs.
Vinho velho 400 rs.	Delicado de 1857 800 rs.
Alvaralhão, superior . 560 rs.	Especial de 1862. 600 rs.
Bastardo velho 500 rs.	Serveja ingleza 110 rs.
Malvasia 1. ^a qualidade . 500 rs.	« Nacional 50 rs.

A RETALHO

Vinho de mesa a 50, 60, 80, e 120 rs. o quartilho do tinto e 120 réis do branco. Este armazem tem depositos: em Fafe, em casa do snr. Miguel An-

Estabelecimento de Loterias

DE

JOÃO MARQUES D'ALMEIDA E CASTRO

327, RUA DE SANTA CATHARINA, 331

—PORTO—

Este estabelecimento, que por grande numero de pessoas tem sido perferido a outros, não só por os premios que no mesmo constantemente estão sahindo, mas por a promptidão com que executa as encomendas que lhe são dirigidas, continua a ter á venda para todas as loterias, bilhetes inteiros, meios ditos, quintos, quartos, decimos, oitavos e fracções de 600 reis, 500, 300, 250, 200, 130, 100 e 40 reis.

Satisfaz para as provincias todas as encomendas de bilhetes ou fracções em pequena ou grande quantidade) vindo as mesmas acompanhadas da sua importancia, em ordens, vales do correio ou estampilhas do mesmo.

Envia, gratuitamente, os prospectos, a todas as pessoas que desejarem ser informadas dos premios de que se compoem as loterias e dos dias em que as mesmas se teem de extrahir; assim como remette no fim das extracções, as respectivas listas geraes dos premios.

AOS PRETENDENTES

Apesar do grande numero de correspondentes que este estabelecimento tem nas provincias para a venda de bilhetes e fracções de todas as loterias, o mesmo recebe ainda propostas das pessoas que pretenderem vender este genero á commissão. Os pretendentes que quizerem encarregar-se da venda d'esta fazenda, podem com ella, **NEGOCIAR SEM RISCO** porque se acceita de novo até ás vesperras das extracções, toda a fazenda que os mesmos não tiverem vendido. Além d'isso teem a vantagem de poderem **NEGOCIAR SEM EMPREGAR CAPITAL** porque a importancia de qualquer remessa que lhes seja feita, pode ser enviada depois da fazenda vendida, bastando para isso que o portador dê como conhecimento um negociante da cidade do Porto.

A commissão é vantajosa e os mais esclarecimentos dão-se a quem os pedir.

JORNAL DAS DAMAS
(13 ANOS DE PUBLICAÇÃO)
Proprietario e editor
JOAQUIM JOSE BORDALO
Publicou-se o n.º 147 d'esta interessante revista de modas, a mais antiga que existe em Portugal, contendo a descripção das mais elegantes *toilettes* para passeio, visita, baile, theatro, nosa; para men nas etc. etc. com o detalhe dos mais modernos chapéus, *paletots*, tunicas *fichus* a todas as indicações tendentes e modas; artigos de litteratura, poesias, etc. Acompanha cada numero d'este jornal dois bellos figurinos gravados e illuminados em Paris, e alternadamente uma folha de debuxos e moldes para cortar fato de senhora.

15 brindes gratis
Joaquim Jose Bordalo, travessa da Victoria 42—1.º, no Porto Coimbra, Braga e em Setubal nas principaes livrarias, e em S. Miguel na livraria de Marianno Machado (com o augmento de 25 0/0, differença da moeda.) A importancia de qualquer assignatura pode ser enviada ao editor em estampilhas de franquia, ou em vales do seguro do correio.

AOS ASSIGNANTES

A empresa offerece este anno 15 Brindes aos assignantes, sendo tres que se entregam gratis no acto da assignatura, e doze á sorte durante o anno, incluindo n'estes cinco ricos livros de Missa de capas de marfim, tartaruga, madre-perola, buffalo, chagrine e veludo, e um bointo al bum para retratos com diferentes peças de musica, ficando a assignatura de graça para uns, quasi e de graça para outros.

LA MODA ELEGANTE

Publica-se em Madrid nos dias 6, 14, 22 e 30 de cada mez.

E' o mais completo de todos os jornaes de modas, por que publica durante o anno nas 1:200 columnas em que se divide 3:500 gravados no texto das mais recentes modas e toda a qualidade, de bordados proprios para trabalhos de senhoras e meninas, 48 figurinos a côr finas, 24 padrões, em tamanho natural com mais de 1:000 modelos de diversos trajes, e debuxos para bordar. Além de tudo o que deixamos mencionado offerece uma peça de musica para o piano composto expressamente para suas assignantes.

Preços para qualquer terra de Portugal pelo correio:

- 1.^a Edição anno 7\$520 reis, 6 mezes 3\$800 reis, 3 mezes 1\$900 reis.
- 2.^a Edição anno 5\$640 reis, 6 mezes 2\$850 reis, 3 mezes 1\$450 reis.
- 3.^a Edição anno 3\$760 reis, 6 mezes 1\$900 reis, 3 mezes 1\$000 reis.
- 4.^a Edição anno 2\$820 reis, 6 mezes 1\$450 reis, 3 mezes 750 reis.

Recebem-se assignaturas na Livraria Internacional—S. Damaso, 30, 34—Guimarães.

As pessoas de fóra podem mandar a sua assignatura e a importancia em vales do correio, a Teixeira de Freitas, que immediatamente serão dadas as ordens para Madrid.

tonio Monteiro de Campos; em Vizella, em casa do snr. João Teixeira Alves, nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do snr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do snr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do snr. F.G., Santa Cruz, rua de Santa Catharina; em Aveiro, em casa do snr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do snr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'este toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso algu duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem, afim de assistirem á votação dos ditos vinhos.

TYPOGRAPHIA

9—Rua do Espirito Santo—11

'esta officina fazem-se todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que está sortida com excellentes typos. Os preços são harmonisados com os de iguaes estabelecimentos, e a nitidez com que são feitas todas as obras pôde julgar-se pelas que aqui tem sido feitas.

Preço da assignatura: Lisboa 1 anno 2\$400 reis — 6 mezes 1\$500 reis. Brasil e provincias, ultramarinas 2\$600 reis, moeda forte. Numero avulso, 240 reis. Todas as assignaturas são pagas adiantadas, e recebem-se em Lisboa na livraria do editor

MAPPA DE MOÇAMBIQUE

Com a demarcação de terrenos cedidos ao iz.

snr. Paiva d'Andrade acompanhado da descripção da provincia da Moçambique.

Preço 25 reis para as provincias—Venda na Calçada de S Francisco, 2 lithographia «Duende.»

Brevemente se publicará os mappas de todas as provincias Ultramarinas do nosso paiz.